

DIÁLOGOS ENTRE TURISMO CULTURAL E ARQUITETURA: AS INTENÇÕES DOS PROJETOS DA CASA DA ARQUITETURA NO CONTEXTO TURÍSTICO

Bruna Raquel Alves Maia Lobo

“O trabalho fundamental da arquitetura é transformar polémicas em diálogo.”
(Álvaro Siza, 2021)

No panorama atual, todos os dias surgem estudos e pesquisas que associam o turismo com outras áreas de conhecimento, desde às humanidades até as ciências exatas. Esse reconhecimento, seguido pela aceitação, enfraqueceu o antigo desprestígio acadêmico do turismo, que até a década de 1970 era tratado genericamente por uma visão economicista e ingênua de panaceia para o mundo (BARRETO, 2003). A interação do turismo com outros domínios teóricos e/ou práticos o fortaleceu como parte de uma prática social antiga e complexa, que se mantêm em contínua renovação e ampliação do seu espaço de atuação. Sendo assim importante e relevante para a sociedade científica em geral.

A fagulha inicial da atividade turística inicia-se com o atrativo. De fato, é necessário considerar tudo aquilo que está construído, pois o atrativo pode ser um edifício histórico, uma casa onde viveu um artista ou uma rua. Em todos esses, a arquitetura aparece como fator primordial, pois é impossível criar um ativo turístico em qualquer lugar, mas é possível



conceber em algum lugar um produto turístico em torno de um tema (URRY, 1996).

A partir disso que se fundamenta essa reflexão teórica para o livro *Turismo & Hotelaria no contexto da Arquitetura e Urbanismo* sobre os diálogos entre turismo cultural e arquitetura, a partir das intenções e projetos desenvolvidos pela Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura (CA). Fundada em 2007 é uma organização sem fins lucrativos, com objetivo fundamental de promoção e sedimentação do estilo de construção português. Recebe a salvaguarda de acervos de arquitetos e promove eventos que valorizam as obras arquitetônicas como também a relação profícua com os mais variados campos, dentre eles, o turismo.

A problemática desse capítulo está em refletir: **Como as intenções de projeto da CA se relacionam com o turismo cultural?** Com essa premissa, objetivou-se refletir teoricamente sobre o alcance da arquitetura integrada ao turismo cultural. Seja para cooptar redes nacionais e internacionais, seja para criar públicos, a arquitetura pode valorizar a imagem do país e promover a diversificação turística pelos diversos territórios, atores e regiões.

Metodologia

Optou-se pela percepção metodológica de Vergara (2000) na qual defende dois tipos de metodologias a adotar, dependendo dos fins e meios. Quanto aos fins essa reflexão é explicativa, pois intenta elucidar prováveis relações entre uma variável e outra, quanto aos meios é bibliográfica já que realiza um levantamento de livros e fontes publicadas em plataformas



acadêmicas/não acadêmicas disponíveis na internet, como revistas científicas, sites de instituições portuguesas e You Tube.

Os objetos empíricos dessa discussão teórica são as cinco intenções e projetos da Casa da Arquitetura integrados como produtos do turismo cultural: Itinerários de Arquitetura Contemporânea em Portugal, Atlas da Arquitetura Portuguesa, Promoções de Eventos Nacionais de Arquitetura Portuguesa, Encontros de Turismo Cultural e Promoção Externa. Para a descrição da C.A. e desses projetos, buscou-se material bibliográfico de autores com comprovada idoneidade de fontes, relevância e diversidade, com autores como Álvaro Siza (2012) figura central das ações da CA, Barbosa (2015) com a dissertação de mestrado em Engenharia Civil sobre a restauração do edifício, onde hoje funciona a CA e demais fontes impressas ou eletrônicas que coadunam com as informações levantadas no *website* da Casa da Arquitetura e vídeos no *YouTube*. À essas informações se somou um breve histórico sobre o turismo cultural e casos semelhantes que auxiliaram o pensamento sobre a arquitetura como produto turístico.

Constitui-se como uma pesquisa descritiva, já que se vasculhou nessas intenções e projetos, características que favoreceram o desenrolar dessa reflexão teórica sobre os contributos originados das relações entre o turismo cultural e a arquitetura. Assim, os aspectos estudados foram escolhidos a partir das maneiras de contemplação do patrimônio cultural, associando ferramentas conceituais funcionais, como a noção de produto turístico, requalificação arquitetónica e indústria criativa com conceitos teóricos, como a perspectiva do turismo cultural, a pós-modernidade e



autenticidade, com autores especialistas no assunto como Richards (2018), Urry (1996) e Gastal (2013).

Juntou-se documentos produzidos pela própria autora para auxiliar o desenrolar do pensamento. É de se notar que não foi analisado cada projeto da CA, mas sim a ação de intencionalidade em tratar uma obra arquitetônica, por diferentes perspectivas, como atrativo ao responder aos anseios da sociedade móvel moderna.

Considerações sobre o turismo cultural

O estudo do turismo cultural iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial, quando o direito às férias e ao lazer fora implementado como direito aos trabalhadores. Nesse tempo, a Europa se reestruturava tanto economicamente, quanto culturalmente e as viagens favoreceram essa reconstrução. Nas décadas de 1960 e 1970, o período de paz e prosperidade garantiram o cenário adequado para o desenvolvimento econômico, que se alastrou para o aumento das viagens motivadas pelo patrimônio cultural. A seguir, em 1980 o movimento de turistas internacionais para os principais atrativos culturais cresceu de sobremaneira, provocando a criação do nicho de mercado para elites, designado pela terminologia “turismo cultural”. Foi nesse momento, que a Organização Mundial do Turismo (OMT) definiu esse fenômeno pela primeira vez. A partir disso, o turismo cultural entrou nas estimativas desenvolvidas por essa organização e nas investigações acadêmicas (RICHARDS, 2018).



Nas décadas de 1980 e 1990 o turismo cultural continuou a se desenvolver, sendo visto como uma maneira de contribuir para a valorização do património, estimular a economia e preservar a cultura. A partir da primeira metade da década de 1990, a ampliação do conceito de cultura ajudou a uma nova configuração da viagem cultural, para um mercado maior e menos restritivo, incluindo outras camadas da sociedade. Esse crescimento instigou o estudo e a pesquisa, começaram a surgir as primeiras publicações sobre turismo cultural, como também a tipificação da atividade como turismo patrimonial, gastronômico ou cinematográfico.

Contudo, esse crescimento está marcado por problemas. A lotação excessiva de Sítios do Patrimônio Mundial, a dificuldade de conservação e o surgimento de novos desejos do turista por experiência, garantiram a necessidade da criação de outros focos de atenção, visando a ordenar os atuais e futuros problemas. A nova definição de turismo cultural pela OMT vem atender a essa nova demanda, quando amplia para além de locais e monumentos ocidentais clássicos, para um conjunto de características materiais, intelectuais e emocionais exclusivas de uma sociedade que abrange artes e arquitetura, patrimônio histórico, cultural e culinário, literatura, música, indústrias criativas e toda cultura viva com seus valores, crenças e tradições (RICHARDS, 2018).

Dada a importância do turismo na sociedade contemporânea, tornou-se substancial a sua adequada dinamização através de práticas de gestão e planejamento integrados com outros setores que podem valorizar a cultura dos destinos, no sentido de auferir unicidade para a experiência de viagem. Nesse ciclo, as organizações de origem não turística encontram



no turismo formas efetivas de viabilizar a proteção e promoção do seu patrimônio cultural, além de favorecer a educação dos autóctones e visitantes (MAIA, 2017; CÉSAR, DIÓGENES & PAULA, 2017).

Além disso, o turismo cultural fortalece não apenas a economia local, pois quando promove a capacitação comunitária para o desenvolvimento das atividades recreativas lega o autorrespeito, valores e identidade dos residentes. Dessa maneira o turismo cultural contribui para salvaguardar aspectos do patrimônio tangíveis e intangíveis das comunidades em escala regional (ROWAN, 2013).

Uma casa com história

A história da Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura começou com uma parceria entre a ideia da Casa e a Câmara Municipal de Matosinhos em 2007. A primeira materialização desse centro cultural ocorreu na casa Roberto Ivens (a casa ficou assim conhecida pelo nome da rua onde estava instalada) que foi adquirida pela Câmara Municipal de Matosinhos. Foi nessa moradia, onde viveu de 1949 a 2000 a família do arquiteto Álvaro Siza, que iria servir para acolher o Centro de Documentação Álvaro Siza (CDAS) e ser um espaço para colaborações (BRIGITTE, 1999; SIZA, 2012).

O arquiteto Siza Vieira, como também é conhecido, possui a maior quantidade de condecorações e premiações já alcançadas por um português, alguns desses foram: Medalha Alvar Aalto (1988), Prêmio *Mies van der Rohe* (1988), Prêmio Pritzker (1992), Prêmio Wolf de Artes (2001), Medalha de Ouro do RIBA (2009) e Golden Lion na Bienal de Arquitetura



de Veneza (2012). É o responsável pela criação de ícones da arquitetura portuguesa e internacional, inclusive no Brasil com o museu para a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre (BRIGITTE, 1999; SIZA, 2012).

A casa Roberto Ives, construída no século XX, configura-se como modelo de casa burguesa portuense, tendo já sido remodelada, por pedido do próprio pai em 1961, quando Siza era ainda um jovem arquiteto. Em 2009, já denominada por Casa da Arquitetura, o edifício passou por uma reestruturação, respeitando a concepção estética original. Para isso, Álvaro Siza foi novamente solicitado para realizar sutis transformações na casa, que se adequassem com as novas solicitações e utilidades museológicas (LOPES, 2019).

Nessas condições, o acervo da Casa da Arquitetura já podia começar a ser formado. Assim é acordado com outros arquitetos como Eduardo Souto de Moura a oferta de seus acervos, esse entregou 21 maquetes e 70 painéis com desenhos de sua autoria. Seguidamente a Casa foi aberta ao público em 25 de junho de 2009, com a promessa da construção de um novo edifício, visto que o atual espaço, aproximadamente 84 m² não suportava acolher mais acervos de outros arquitetos. Contudo, a falta de verbas para uma nova edificação e a necessidade urgente por um espaço maior, levaram a Câmara Municipal de Matosinhos encontrar outra via que foi reabilitar o Quarteirão da Real Vinícola da cidade (BARBOSA, 2015).

O Quarteirão da Real Vinícola é um complexo arquitetônico fabril edificado entre 1897 e 1901, com uma área total de 4.700 m² que estava



em ruínas. Projetado pelo engenheiro António Silva foi planejado com uma planta retangular e possui várias construções dispostas em toda a área do quarteirão, em volta de uma enorme área destinada ao embarque e desembarque da produção, por uma linha de carris privativa puxada por animais que ligava ao Porto de Leixões. Atualmente é o maior porto artificial de Portugal e destaca-se pela arquitetura moderna do seu terminal de cruzeiros (BARBOSA, 2015).

Assim, as antigas instalações da Real Companhia Vinícola foram recuperadas e ajustadas para atender aos anseios de um centro cultural, onde além da Casa da Arquitetura, abriga a Orquestra de Jazz de Matosinhos e várias lojas comerciais. As reformas não destruíram a estrutura industrial original que segue os parâmetros ingleses de construção com ligação à linha de carris e uma grande praça central e hoje faz parte do Plano de Urbanização de Matosinhos Sul (LOPES, 2019).

Figura 1: Casa da arquitetura, 2017, Luis Ferreira Alves.



Fonte: <https://iduna.pt/en/portfolio/casa-da-arquitectura-matosinhos-portugal-2/>



Todo o quarteirão foi recuperado em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos pela responsabilidade do arquiteto Guilherme Machado Vaz. Em 2013 o Quarteirão da Real Vinícola foi classificado como Monumento de Interesse Público pela Direção Geral do Património Cultural de Portugal. De acordo com o site da Câmara Municipal de Matosinhos (2018), o projeto destinado a um espaço de cultura e lazer possui 36% da área dedicada a espaços públicos como biblioteca, auditório e espaço de convivência ao ar livre, 38% para a manutenção e conservação e 10% da área é utilizada para a gestão interna. Ainda possui 16% da área para usos comuns. Em 2018 o projeto foi galardoado com o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana na categoria Impacto Social (BARBOSA, 2015).

As intenções dos projetos da Casa da Arquitetura no contexto turístico

Na contemporaneidade as organizações culturais além de conservar e exhibir, transformaram-se em um espaço para práticas atualizadas no contexto da sociedade. A Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura é uma instituição cultural sem fins lucrativos, que busca inovar em sua programação. Uma dessas inovações estão nos projetos de divulgação do estilo de construção português através do turismo cultural.

O projeto *Itinerários de Arquitetura Contemporânea em Portugal* é um conjunto de visitas orientadas a obras de arquitetos portugueses, com planejamento de itinerários por Região. Para isso existe a criação de conteúdos e execução de visitas com monitores treinados pela Casa da



Arquitetura e autóctones (Casa da Arquitetura, 2022). Já existe formatado e oferecido o *Itinerário Álvaro Siza*, que percorre obras representativas e estruturadas para a visita em Matosinhos no Porto, o vídeo promocional poderá ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=yUWLvaFmKCo&t=32s>.

O roteiro Álvaro Siza inicia pela *Piscina das Marés* (Casa da Arquitetura, 2022). Classificado como um monumento nacional em 2012, essa piscina de água salgada possui como limites as formações rochosas do local, o que proporciona uma integração com a paisagem. Apesar de estar dissimulada entre as rochas, pode ser vista da estrada que passa ao lado. Foi construída entre 1961 e 1966 na praia de Leça da Palmeira. Além de material impresso, foi produzido o conteúdo <https://www.youtube.com/watch?v=zJj-FtEKQXU> para divulgação desse lugar.

Figura 2: Piscina das Marés, 2022, Leça da Palmeira.



Fonte: <https://www.leca-palmeira.com>



Os turistas são levados para a Casa de Chá de Boa Nova que é uma das primeiras obras do arquiteto, construída entre 1958 e 1963, chama a atenção a estrutura em betão com planta retangular sobre as rochas e distante dois metros do mar (FRANCO, 2021). As rochas parecem aninhar a construção de maneira suave, produzindo uma relação equilibrada entre a construção e o meio ambiente. Planejado para a visita desde a origem, o arquiteto montou uma estrutura arquitetônica orgânica, onde o acesso apenas é possível por uma escadaria, que leva o visitante por um percurso de vista para o mar, o horizonte e o Porto de Cruzeiros de Leixões. Está classificada como Monumento Nacional desde 2011 (SIPA, 2011).

Figura 3: Casa de Chá da Boa Nova, 2020, Leça da Palmeira.



Fonte: <https://www.leca-palmeira.com/leca-da-palmeira-casa-de-cha-da-boa-nova/>

Depois seguindo um percurso lógico geográfico, a terceira parada é na Piscina da Quinta da Conceição inaugurada em 1965. Uma área pública para o período balnear de julho à setembro construída no parque em Matosinhos, mas fica aberta durante todo o ano para visitas guiadas de interesse arquitetônico.



Por fim o passeio chega à Casa da família Siza em Roberto Ivens, que como já foi reportado, foi o primeiro lugar onde a Casa da Arquitetura foi instalada. Todas as informações sobre as visitas estão disponíveis no site <https://casadaarquitectura.pt/pt/visitas-guiadas/itinerarios>. Na casa de três andares destacam-se os tons de branco e verde espalhados nas superfícies das mais variadas madeiras e mobiliário. Atualmente a casa, de propriedade da Câmara de Matosinhos, está decorada com desenhos e retratos da família Siza para receber visitantes. Além disso há uma proposta de Residência Artística para artistas emergentes (Casa da Arquitetura, 2022).

O projeto *Atlas da Arquitetura em Portugal* é uma intenção de criação de uma plataforma digital para o desenvolvimento do turismo arquitetônico com a promessa de atrair visitação ao abrir os edifícios, como afirmou o diretor executivo da Casa da Arquitetura Nuno Sampaio (2021): “Vamos conseguir que a arquitetura portuguesa consiga na prática atrair as pessoas”. A primeira fase desse atlas já contabilizou 50 edifícios icônicos do estilo português, distribuídos por Portugal Continental e Ilhas, com conteúdos sobre edifícios e espaços de referência acessível aos turistas. Assim, pretende-se organizar as informações por categorias, como autores, galardoados, roteiros, tipologias (museu, reabilitação, jardim, aldeia histórica, mercado, hotel, entre outras). A intenção do projeto foi lançada em 2021 e prevê a implementação para o final desse ano (Casa da Arquitetura, 2022). O Atlas poderá ser consultado pelo site da Casa da Arquitetura e pelo Visit Portugal.



Além disso, a CA já promove eventos nacionais da área como exposições, conferências, seminários e workshops. Desses destaca-se a *Trienal de Arquitetura de Lisboa* e a *Open House Porto*, que em 2019 recebeu 40.000 visitas na área territorial de Matosinhos, Porto e Gaia em um fim de semana. Os *Encontros de Turismo Cultural* também são eventos organizados de experiências associadas com áreas de interesse cultural de uma determinada região. Nesses a CA realizou parceria com Turismo de Portugal para criar conteúdos de promoção, divulgados no site visitportugal.com, nos postos de turismo e agências de viagens nacionais. Os encontros preveem sempre a duração de um dia e são realizados e agendados pela CA que treinam monitores e residentes das localidades visitadas para acompanharem os encontros (Casa da Arquitetura, 2022).

Por fim, o projeto de *Promoção Externa*, já implementado, divulga através de eventos a obra arquitetónica nacional em território internacional. São eles: Radar Veneza, Bienal de Veneza de Arquitetura, Bienal de São Paulo e Bienal de Chicago. Existem diversos conteúdos desses eventos, um deles pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=wg-Z2-_A74Y.

Os contributos da relação turismo e arquitetura

Entre arquitetura e turismo existe uma relação com o olhar. O olhar do turista está impregnado de signos e clichês turísticos. A cultura ocidental atual é livre e plural, uma mesma pessoa pode moldar diferentes parâmetros de acordo com a sua perspectiva própria. A preservação das tradições de Portugal está representada desde os Aquedutos Romanos, aos



edifícios de estilo pombalino, os azulejos portugueses que cobrem parte das habitações, os edifícios contemporâneos e até mesmo a canção *Uma casa portuguesa* interpretada pela Amália Rodrigues (1920-1999). Amália foi cantora, atriz e fadista portuguesa reconhecida internacionalmente, a canção *Uma casa portuguesa* foi celebrada mundialmente pela sua interpretação.

O turismo cultural provoca a troca de uma causa do fenômeno pelo próprio fenômeno. Quando a casa onde viveu o arquiteto Álvaro Siza se tornou foco do olhar do turista, essa deixou de ser uma casa para acolher uma família e passou a fazer parte da economia dos serviços turísticos. Isso se caracteriza como um modelo metonímico da sociedade atual, que desde a Revolução Industrial transforma artefatos em fatos para o negócio do turismo. Assim aconteceram as conversões, quando obras de arte como a Última Ceia de Leonardo da Vinci se tornou atração turística e quando a Torre Eiffel se tornou obra de arte. Essas invenções são antigas, o homem desde a antiguidade, no século 366 d.C, quando Papa Damasus percebeu que nunca teria sucesso em converter os romanos ao cristianismo, ele criou a igreja romana. Isso denota que o homem sempre criou artimanhas para acompanhar as mudanças da sociedade ((DAHLGREN, FOREMAN, & ECK, 2005; CLARK, 2021).

Os projetos Itinerários da Arquitetura Contemporânea em Portugal, assim como o Atlas da Arquitetura Portuguesa expressam essa mudança trazida pelo turismo, ao introduzir nas estruturas construídas



valores de autenticidade. As exposições propostas mostram muitas vezes, o processo de desenvolvimento de arquitetos, documentos que estavam esquecidos e guardados, agora são redimensionados como um novo atrativo do olhar.

Esse olhar atual está domado pelas novas tecnologias. As estratégias empregadas nos planejamentos de ativos culturais já perceberam que o entendimento não é mais uma conquista, mas uma exigência a ser atendida. Os temores e as surpresas foram removidos da experiência de viagem contemporânea, porque as experiências estão pré-determinadas e fabricadas em massa. Muito diferente das antecedentes viagens humanistas trazidas com o Renascimento do século XV. Essas viagens eram motivadas pelo conhecimento e pela descoberta sobre outras culturas e evoluiu no século XVIII para os *Grand Tours* quando jovens europeus viajavam por até três anos pela França, Itália, Alemanha e Países Baixos. Assim, antes do século XIX as viagens culturais eram ainda uma descoberta, pois naquela época a divulgação dos destinos estava limitado à escrita e ao desenho. Os viajantes partiam sem ter muita certeza sobre o que encontrariam. Pode-se depreender que no contexto do turismo, os avanços tecnológicos, sobretudo a divulgação de imagens pela *internet*, foram esmaecendo o sentimento de descoberta (LOBO, DIAS e GASTAL, 2022; GASTAL, 2013).

O sucesso que era o resultado, é agora um ponto de partida nos novos projetos arquitetônicos, que são famosos antes mesmo de serem



projetados. Isso porque as organizações escolhem arquitetos de reconhecido prestígio com prêmios e publicações sobre suas obras para assinarem, seja a construção, seja o restauro de uma edificação com o objetivo de valorização, atrair compradores e aumentar o valor de venda (DAHLGREN, FOREMAN, e ECK, 2005). Muito diferente da época da Idade Média quando parte das obras arquitetônicas ou de arte não eram assinadas. Essa falta de demarcação era reconhecida como um comportamento valoroso. Os artistas da época eram tidos como meros artesãos, não podiam ter seu nome inscrito em suas obras. Assim eram marcadas com o nome de quem as encomendou, pois tinha mais prestígio do que os artistas (CLARK, 2021).

Vale lembrar que as atrações turísticas são histórias de sucesso construídas. Pode-se dizer que os lugares apenas recebem visita, devido a uma fama criada que precede o seu valor original e histórico (URRY, 1996). Ao criar um roteiro baseado nas obras de um arquiteto, a CA potencializa as atrações, para além da popularidade, mas como obras arquitetônicas que fazem parte da história da arquitetura portuguesa, evitando assim a sua dissimulação pelo vazio da reputação popular.

Algumas construções são pensadas desde as suas fundações ao consumo estereotipado contemporâneo. Disneylandia ou Las Vegas são ícones desse tipo de construção que consegue transformar elementos restritos da cultura clássica em mercadorias de consumo popular (DAHLGREN, FOREMAN, e ECK, 2005). A loja “O Mundo Fantástico



da Sardinha Portuguesa” em Lisboa é um exemplo dessa jocosidade extravagante que lembra um circo. A ideia transformou as clássicas latas de sardinha em divertidos souvenirs que trazem impressos os mais variados temas da cultura portuguesa, vendidas por até cinco vezes mais do que as latas do supermercado. A loja é muito visitada e fotografada devido à decoração que se destaca em meio as outras construções vizinhas, como a Praça do Rossio que foi construída há mais de seis séculos. O estilo dessa loja é influenciado pela pós-modernidade e pelo turismo, inquieta e atrai o olhar, levando desde à repulsa até a aceitação.

Urry (1996) distingue duas arquiteturas, uma relativa ao pós-modernismo nobre e a outra ao pós-modernismo vernacular. O primeiro diz respeito a um classicismo de elite, essas classes abastadas acreditavam que ao reconstruírem o estilo clássico poderiam reinfundir uma superioridade clássica através das edificações. Essas construções ao refletirem gosto austero e elegante atrai o olhar do visitante, pois esse gênero de edificação, aos olhos do turista pode representar o lugar. A casa da família Álvaro Siza é um exemplo de moradia burguesa em Portugal e quando auferir a possibilidade de artistas residirem nos quartos, por um determinado período para produzirem um trabalho artístico, as chamadas Residências Artísticas promovidas pela CA, faz com que os artistas se sintam imergidos no universo do arquiteto. Conservar essas casas, ou mesmo referir com uma placa onde viveu uma personalidade é uma



maneira de auferir autenticidade ao lugar. Abaixo a foto da porta de uma moradia onde o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) viveu.

Figura 4: Porta de casa onde morou Fernando Pessoa, Lisboa.



Fonte: Arquivo da autora

A pós-modernidade é assinalada pelo estético. A necessidade de uma estetização da cultura, inclusive do turismo, aufere uma visualidade subordinada não apenas pela utilidade (GASTAL, 2013). Trata-se assim de uma forma de consumo que ultrapassa a sua função. O prestígio de morar em uma casa planejada por um arquiteto famoso transformou o lar em uma casa troféu. Atendendo a essa nova necessidade, o marketing turístico transforma pessoas em ativos culturais para o desenvolvimento de produtos, roteiros, museus e experiências (LOBO, 2011).



Os atrativos culturais foram ampliados pela estratégia econômica. Isso é explicado com a nova “economia criativa”, mais um termo que se junta a outros, para referir-se ao papel crescente dos processos criativos e da geração de conhecimento na economia. A inclusão do patrimônio imaterial e da cultura contemporânea à noção de turismo cultural, corroborou para a integração desse termo, ao agregar valor explorando conteúdo e experiências criativas envolventes, apoiando a inovação e colaborando para a evolução de destinos turísticos. A CA se insere nesse campo de cultura criativa, pois em seus projetos, mas sobretudo quando promove os Encontros de Turismo Cultural utilizam atividades de criação artística ou culinária para enquadrar a cultura do destino.

Através da criação de redes como condutores de fluxos de conhecimento e um meio para gerar experiências criativas, a economia criativa está presente na CA. Sabendo disso, possui o projeto de Promoção Externa que alinham com festivais e outros eventos criativos, que estão se tornando destacados polos de conhecimento nas redes globais atraindo um público crescente de interessados.

Portugal possui um patrimônio arquitetônico que data o segundo milênio antes de Cristo, quando as casas eram construídas em granito e formavam povoados fortificados. Atualmente restam as ruínas dessas antigas povoações localizadas no Norte de Portugal Continental, nas cidades do Minho e Trás-os-Montes, algumas delas já integram um roteiro de ruínas. Depois outros povos legaram ao território português edificações que estão em constante manutenção, integrando itinerários turísticos com



estilos de edificações romana, muçulmana, com o luxo do estilo arquitetônico manuelino até a arquitetura de hoje. Tudo isso demonstra uma tradição portuguesa em reconhecer e incluir o patrimônio como ativo do turismo cultural.

As intenções e aplicações de projetos no contexto turístico pela Casa da Arquitetura, corroboram com as políticas do país em salvaguardar o patrimônio e através do turismo cultural viabilizar a vitalidade desses edifícios. As colaborações público-privadas com o Turismo de Portugal e a Câmara Municipal de Matosinhos espelham a dinâmica administrativa da CA que realiza uma simbiose profícua entre turismo cultural e arquitetura, atuando com variadas edificações públicas ou privadas. Os benefícios passam também pela redução dos problemas de sazonalidade do destino, pois tanto a visita às construções como os eventos organizados poderão ser realizados independentemente da estação do ano, como se pôde saber anteriormente, quando se tratou da abertura da Piscina da Quinta da Conceição, na baixa estação para visitas de interesse arquitetônico. Nesse caso a arquitetura como produto turístico muda de sua função original balnear, para outras utilidades contemplativas e de conhecimento.

Desde os edifícios que abrigam a sede da Casa da Arquitetura, os eventos, as construções identificadas como ícones da arquitetura portuguesa, até os arquitetos que valorizam as construções, as intenções encontradas na CA colaboram para a dinamização e conservação da arquitetura contemporânea portuguesa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é importante para a arquitetura, pois estabelece outros rendimentos, instiga novas formas utilizar o espaço construído, ajuda a ampliar o público consumidor para fora das fronteiras, além de fortalecer a identidade e valores regionais do estilo de construção. Desse modo, a relação turismo e arquitetura podem salvaguardar aspectos, que ultrapassam os patrimônios tangíveis e atingem também os intangíveis, melhorando o potencial de desenvolvimento sustentável do destino. Assim articulado, o turismo poderá contribuir para o uso da arquitetura como meio de subsistência, principalmente em regiões remotas que possuem um potencial patrimônio arquitetônico, porém sofrem com o despovoamento acelerado, levando até ao desaparecimento da comunidade de aldeias.

As intenções dos projetos desenvolvidos na CA possuem essa consciência. Pois colaboram para a mobilidade da função do projeto arquitetônico, quando libertam a obra da estrutura física para se configurar como uma edificação adaptada, que não precisa ser destruída para fazer parte de outras funções. A arquitetura permanece, o que mudou é a forma de dialogar com a sociedade, nisso o turismo foi o intérprete.



REFERÊNCIAS

BARRETO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BARBOSA, F. A. da C. **Reabilitação de um edifício em Matosinhos: estudo de caso**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto: UP, 2015.

BRIGITTE, Fleck. **Álvaro Siza**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

CAMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS. **Projeto recebeu Prémio Nacional de Reabilitação Urbana**. 10 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/comunicacao-e-imagem/noticias/noticia/real-venicola-distinguida> Acesso em: 25 de outubro de 2022.

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt; DIÓGENES, Conceição Malveira & PAULA; Ângela Teberga de. Turismo cultural: algumas ideias para a sua elaboração teórico-metodológica e seu procedimento prático. In: Brambilla, Adriana *et al.* (Org.). **Cultura e turismo: interfaces metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 293-312.

CLARK, Kenneth. **Civilização: o contributo da Europa para a civilização universal**. Trad. José Cabrita Saraiva. Lisboa: Gradiva, 2021.

DAHLGREN, K., FOREMAN, K. & ECK, T. V. (Ed.). **Universal Experience: Art, Life, and the Tourist's Eye**. New York: Distributed Art Publishers, 2005.

FRANCO, Carolina. **Entrevista com Álvaro Siza**. Lisboa: Plataforma Gerador, 2021. Disponível em: <https://gerador.eu/alvaro-siza-o-trabalho-fundamental-da-arquitetura-e-transformar-polemicas-em-dialogo>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

GASTAL, Susana. Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. v. 11, n. 3. Special Issue. Julio, 2013.

LOPES, Alice Peixoto. **Casa da Arquitetura – Centro Português de Arquitetura. Coleção, arquivo e exposição**. Relatório (estágio). Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, UP: 2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123512/2/363108.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2022.

LOBO, B.R.A.M. DIÁLOGOS ENTRE TURISMO CULTURAL E ARQUITETURA: as intenções dos projetos da casa da arquitetura no contexto turístico. In:



LOBO, Bruna; DIAS, Fernando Rosa; GASTAL, Susana de Araújo. Os contributos do esboço para a prática da viagem: a democratização do desenho de John Ruskin e o turista contemporâneo. **Atas do V Colóquio Expressão Múltipla: teoria e prática do Desenho**. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. 2022. p. 62-70.

LÔBO, Bruna Raquel Alves Maia. **Fotografia e marketing: uma análise dos atrativos turísticos da cidade de João Pessoa-PB**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: UFRN, 2011.

MAIA, Sara Vidal. As rotas museológicas como estratégia de turismo cultural: o caso da região de Aveiro, Portugal. In: Brambilla, Adriana et al. (Org.). **Cultura e turismo: interfaces metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 69-93

RICHARDS, Greg. Cultural tourism: a review of recente research and trends. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, 36, 2018. p. 12-21. Disponível em: https://www.academia.edu/36970104/Cultural_Tourism_A_review_of_recent_research_and_trends. Acesso em 22 de outubro de 2022.

ROWAN, Jane. Art for sustainable livelihoods: workshops, cultural heritage tourism and festivals. In: Sarmiento, João Brito-Henriques, Eduardo (Ed.). **Tourism in the global south: heritages, identities and development**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2013, p. 157-178

SAMPAIO, Nuno. Casa da Arquitetura e Turismo de Portugal lançam atlas e rotas turísticas com edifícios icónicos. **Revista Evasões**, 29 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.evasoes.pt/o-que-fazer/casa-da-arquitetura-e-turismo-de-portugal-lancam-atlas-e-rotas-turisticas-com-edificios-iconicos/1029064/>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.

SIPA. **Casa de Chá da Boa Nova**. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Portugal, 27 de julho de 2011. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20302 Acesso em: 25 de outubro de 2022.

SIZA, Álvaro. **Imaginar a evidência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.